

Câmara Rio celebra 75 anos de fundação

Há 75 anos plantava-se no Rio de Janeiro, o gérmen do que é hoje a Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha. A união foi fundada em agosto de 1916, durante a I Guerra Mundial, com o nome de Associação de Empresas Teuto-Brasileiras. Durante estes anos conseguiu superar bons e maus momentos, cumprindo suas tarefas: incentivar o comércio e as relações econômicas entre os dois países.

Para falar sobre os 180 anos de parceria econômica entre os dois países, a Câmara Rio convidou o presidente de honra da Câmara São Paulo, Ernst Guenther Lipkau e organizou no dia 13 de agosto um seminário onde foram realizados dois painéis: sobre Economia e Política e outro sobre Cultura e Meio Ambiente.

Em 1827, a liga comercial entre o reinado da Prússia (posteriormente as cidades de Hamburgo, Bremen e Lübeck) e o Rio de Janeiro (da época de D. João) foi favorecida com uma redução de 24% para 15% do imposto de importação, benefício este apenas concedido a Portugal e Inglaterra. Já nos anos 40 do século passado, os Estados alemães se constituíam no maior comprador de produtos brasileiros, como café, açúcar e algodão; como fornecedores ocupavam o quarto lugar, anteceditos pelos ingleses, franceses e norte-americanos.

De 1911 a 1913 ocorreu um *boom* no comércio exterior brasileiro; a Alemanha passou a ser o segundo maior comprador de produtos do Brasil (logo após os Estados Unidos) e o segundo maior exportador para o Brasil (após a Inglaterra). Apesar dos déficits causados pela I Grande Guerra, as relações comerciais foram reatadas nos anos 20 com a colaboração da Associação de Empresas Teuto-Brasileiras, motivando o Lloyd Brasileiro a estender seus serviços até Hamburgo.

Na década de 30, aumentou a cooperação entre os dois países: cargueiros, navios de luxo, e o primeiro serviço de transporte aéreo regular - o Zeppelin, faziam a rota Brasil Alemanha. Em 1938, a Alemanha detinha um terço das importações brasileiras, colocando-se em primeiro lugar. Com nenhum outro país a Alemanha mantinha relações comerciais tão intensas como as com o Brasil.



E.G. Lipkau, presidente de honra da Câmara São Paulo: "Apesar dos bons e maus momentos destes 180 anos de parceria econômica entre Brasil e Alemanha, a Câmara vem conseguindo realizar seus propósitos".

E.G. Lipkau, Ehrenpräsident der Kammer São Paulo: "Trotz der guten und schlechten Zeiten in den vergangenen 180 Jahren wirtschaftlicher Zusammenarbeit zwischen Brasilien und Deutschland, hat die Kammer ihre bedeutenden Aufgaben stets erfüllt."

Reconstrução

Após a II Guerra Mundial, o transporte e o comércio voltaram quase à estaca zero por um período de dez anos. Em 1950, o Brasil convidou uma delegação alemã para vir ao Rio de Janeiro quando se celebrou, com limitações, contratos de cooperação importação/exportação no valor de US\$ 115 milhões por ano. Em 1955, um novo acordo comercial e financeiro com mais seis países europeus cria o Clube Haag, que trataria das prestações de contas multilaterais na base de uma conversibilidade limitada de moedas. Em 1959, finalmente, são livremente conversíveis.

Nos anos 70 dá-se início um grande fluxo bilateral de mercadorias e o Bra-

sil torna-se o mais importante país para os investimentos alemães, iniciados nos anos 50 com a entrada da Siemens, AEG, Daimler-Benz, Volkswagen, Bosch.

As atividades só foram freadas à partir dos anos 80 pelas medidas nacionalistas da economia brasileira. E a Alemanha se volta para os países europeus e aos Estados Unidos. Segundo dados do Banco Central, em 1990, havia no Brasil US\$ 3,6 bilhões de capital alemão investidos no Brasil além de mais US\$ 2 bilhões de reinvestimentos. Somados a estes, existiam mais de US\$ 1 bilhão de capital aplicado via outros países e mais capital aplicado na agricultura e em imóveis, resultando um total de US\$ 7 bilhões.

Não se tem um relatório exato das empresas que trabalham com capital alemão no Brasil, mas, segundo um cálculo aproximado cerca de 450 indústrias detêm 50% de participação alemã, que somadas a outras *holdings*, prestadoras de serviços, administradoras e imobiliárias chegam a 630. A Alemanha, motivada pelo mercado promissor, mão de obra barata, ricas fontes de matérias primas e pelas subvenções às exportações, teve uma participação no desenvolvimento da indústria brasileira, criando, por exemplo, mais de 400 mil empregos e transferindo tecnologia. O capital enviado das filiais às matrizes nunca ultrapassou o limite estabelecido por lei: de 1978 a 82, este valor não ultrapassava os 2% do capital registrado.

Nesses tempos de transformações rápidas como o surgimento de novas estruturas na economia e mudança do quadro político mundial, a tarefa da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha continua sendo transmitir experiências e abrir campo para as novas perspectivas, para uma futura colaboração e, integrar o Brasil nos novos fluxos de capital e de produtos. Para tal os dois países devem procurar se esforçar para regularizar a questão da dívida externa, ponto fundamental para voltar a existir efetiva cooperação financeira e tecnológica. A Alemanha, por outro lado, não deverá concentrar toda sua atenção aos novos problemas causados pela reestruturação econômica européia.